

## O DOM DE CONVERSAR

Lynn Roger Petrak

Embora me recomendasse não conversar com estranhos, minha mãe sempre fazia isso. Na fila do caixa. Examinando as maletas em Marshall Field. Dentro do elevador, quando todos estavam olhando firme para os botões. Nos aeroportos, nos jogos de futebol e na praia.

Sou grata por ter seguido seu conselho apenas quando se tratava de estranhos com aspecto ameaçador. Creio que sou boa nisso.

O hábito de minha mãe de puxar conversa com pessoas que estivessem perto dela talvez me faça sorrir hoje, mas chegou a ser constrangedor em meus áureos tempos de adolescência.

— Este também é o primeiro de Lynn — ela confidenciou a uma mulher que fazia compras para sua filha na seção de sutiãs de uma loja de departamentos de nossa cidade.

Pensei em correr e esconder-me debaixo de um roupão de banho de veludo, mas, em vez disso, sussurrei entre os dentes, com o rosto ardendo de vergonha:

— Mããããe!

Só me senti um pouco melhor quando a mãe da garota disse:

— Estamos tentando encontrar um para Sarah, mas todos são grandes demais.

Ninguém reagiu quando minha mãe fez uma observação e tentou dar início a uma breve discussão. Algumas pessoas lançaram-lhe um sorriso amarelo e afastaram-se. Outras não lhe deram a mínima atenção. Sempre que eu estava em sua companhia nessas situações, percebia que minha mãe ficava um pouco magoada, mas ela encolhia os ombros e seguíamos nosso caminho.

Na maioria das vezes, eu me afastava. Quando voltava, lá estava ela conversando com alguém. Houve ocasiões em que fiquei preocupada, receosa de tê-la perdido na multidão, mas, de repente, eu ouvia sua risada costumeira e um comentário deste tipo:

— Sim, sim, eu também.

Nesses bate-papos espontâneos, minha mãe ensinou-me que neste nosso mundo, que é grande demais — ou pequeno demais, a escolha é sua —, existe tempo para nos comunicarmos. Ela me disse que nós, mulheres, temos uma sagacidade especial, apesar de não sermos todas iguais. Existem laços que nos unem na maioria das coisas deste mundo. Talvez seja por isso que gostamos mais de papel que de plástico, que uma malha azul-marinho seja sempre uma boa compra ou que o hino nacional ainda nos cause arrepios.

Uma das últimas lembranças que tenho de minha mãe, quando ela estava hospitalizada e prestes a falecer de câncer no seio, que reduziu seu peso para 38 quilos, foi seu sorriso fraco enquanto ela conversava com a enfermeira sobre a melhor maneira de plantar bulbos de tulipa. Permaneci

em silêncio perto da porta do quarto, querendo chorar e, ao mesmo tempo, presenciando sua expressão de amor e entusiasmo. Ela ensinou-me a ver primavera no rosto das outras pessoas. Nunca me esquecerei disso, principalmente agora quando me viro para alguém e digo:

– Você não acha lindo quando...